

Osório Adriano pede mais escolas técnicas

O Brasil precisa adotar, urgentemente, uma nova política educacional voltada para o ensino técnico e superior, sob pena de ver-se, cada vez mais, uma acentuação da tendência a transformar em privilégio de poucos a garantia de uma profissão especializada e rentável. O alerta é do candidato Osório Adriano, que disputa uma vaga de senador pelo PFL. Osório lembra que, hoje, dois terços dos alunos universitários estão matriculados em escolas particulares, o que significa que, de alguma forma, estes dispõem de melhor situação econômica e podem pagar os elevados custos com educação.

— O cursinho e o vestibular são os pesadelos do adolescente brasileiro, que enfrenta uma violenta barreira em suas pretensões profissionais. A sociedade leva o cidadão a pensar que apenas a universidade é o caminho para a realização profissional, quando as escolas técnicas, para a formação de mão-de-obra especializada, são uma imposição de qualquer modelo de desenvolvimento econômico moderno.

Osório acredita que, da forma como está estrutura, a educação superior no Brasil, invariavelmente abre as portas “aos mais abastados e deixa do lado de fora os filhos de famílias humildes”.

— Senão, como explicar que, de cada cem crianças que se matriculam na primeira série do primeiro grau, apenas quatro por

cento conseguem chegar a ter um diploma universitário — ressalta o candidato.

Por isso, Osório Adriano defende, como tese para a Assembléia Constituinte, a posição de que só uma reformulação completa da política educacional poderá recolocá-la nos padrões que beneficiem a toda a sociedade, sem preconceitos de caráter econômico. Ele acha que valorizou-se demais o diploma de “doutor”, quando o país necessita, fundamentalmente, de profissionais bem formados em muitos outros setores. Daí a importância de estimular-se o ensino técnico, alternativa eficaz de educação:

— Há 26 anos, tínhamos no Brasil 1.116 faculdades. Em 1980, chegamos ao número de 4.394 estabelecimentos de ensino superior. Estes números seriam alentadores se não soubessemos que, de 1963 a 80, o ensino particular cresceu cinco vezes mais que o público; o que significa dizer que as oportunidades só cresceram, realmente, para os que podem pagar por elas — informa o candidato do PFL.

Para Osório, o Distrito Federal reflete, sem diferenças, a situação a nível nacional. “No DF, apenas 15 por cento dos que se matriculam nas faculdades conseguem concluir seu curso, quase sempre porque, pressionados pelas dificuldades econômicas, são obrigados a abandoná-los. Existem sete estabelecimentos de ensino superior

no DF, apenas um é público (UnB), e neles se matricularam em 1984 um total de 30.533 alunos. Só 4.653 deste total concluíram o curso”, continua o candidato, que como membro do Conselho de Administração da Universidade de Brasília deu o primeiro passo no sentido de melhorar esta situação:

— Partimos da constatação de que a universidade está muito distante da comunidade. Então, propusemos a criação e implantação, em caráter urgente, de cursos noturnos, que abririam as portas da UnB aos alunos com menor poder aquisitivo. Nossa proposta, feita em 21 de novembro do ano passado, está aprovada e vem sendo implantada em ritmo lento, é verdade, mas menos por desinteresse da instituição do que pela falta de recursos com a liberação de mais verbas para atender a este novo contingente criado com o terceiro turno de aulas.

Osório Adriano tem a certeza de que Brasília e a UnB poderão dar o exemplo para que o ensino superior torne-se um benefício social estendido a todas as classes. “A criação da UnB foi um marco na história do País. Uma tentativa de se instituir uma universidade livre, nova, criadora, crítica e voltada fundamentalmente para a pesquisa. Ainda continuamos alimentando este sonho, não podemos permitir que nossos cérebros fiquem improdutivos na vida acadêmica por falta de condições de trabalho”, finaliza.